



CONEXÃO UNIFAMETRO 2021

XVII SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

## ADOLESCER SAUDÁVEL: EXPERIÊNCIAS DO ATENDIMENTO INTERPROFISSIONAL NO AMBULATÓRIO DO ADOLESCENTE

**Autor1: Ívina Carla O. Sousa Nascimento**

Discente do Curso de Pós Graduação de Gestão de Políticas Públicas e Sociais  
Centro Universitário Fametro - Unifametro  
[ivina.carla@aluno.unifametro.edu.br](mailto:ivina.carla@aluno.unifametro.edu.br)

**Autor2: Profa. Dra. Evania Maria Oliveira Severiano**

Docente- Centro Universitário Fametro - Unifametro  
[evania.severiano@professor.unifametro.edu.br](mailto:evania.severiano@professor.unifametro.edu.br)

**Área Temática:** Promoção da Saúde e Tecnologias Aplicadas

**Encontro Científico:** XI Encontro de Pós-graduação

### RESUMO

A adolescência como fase de transição para a vida adulta precisa ser refletida levando em consideração os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. O presente artigo tem como objetivo apresentar questões reflexivas sobre a promoção de saúde com o recorte na adolescência, como modalidade o relato de experiência sobre atuação de equipes interprofissionais no ambulatório do adolescente. No processo metodológico associamos à revisão literária de autores que discorrem sobre a temática ao relato de experiência, enriquecida por observações sobre o trabalho interprofissional no ambulatório do adolescente. Evidenciamos como é importante pensar nas formas que o adolescente constrói sua vida a partir das suas perspectivas individuais e como essa intervenção da adolescência pode receber uma atenção específica dos profissionais que atuam em diversas áreas, sobretudo na saúde. Essa concepção orienta o projeto Aqui Tem Sinal de Vida, a Rede Cuca, a Universidade Federal do Ceará e os profissionais que atuam nessa perspectiva.

Palavra-chave: Adolescência; Promoção de Saúde; Atendimento Interprofissional; Relato de Experiência.

### INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano inserida entre a faixa etária infantil e o início da vida adulta. A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende como adolescentes pessoas de 10 a 19 anos. Em alguns períodos da história, encontramos fragmentos que mostram infância e adolescência, por muito tempo, vistas de forma única, reforçando assim equívocos nos métodos utilizados para atender os adolescentes, gerando



estereótipos em torno dessa fase da vida, assim como uma série de incompreensões sobre as especificidades do universo adolescente.

...a questão da adolescência, enquanto fase crítica, é algo típico das nossas sociedades ocidentais modernas e contemporâneas. Em outras culturas, não há adolescência, mas sim um momento de transição ou de passagem, marcado por cerimônias ou atos rituais (COUTINHO, 2009, p. 23).

Se cada sociedade é responsável pela transição dessa etapa de desenvolvimento, seja por meio de pactos sociais que, muitas vezes, desconsideram os aspectos próprios desse período ou até mesmo pela atribuição de uma condição de responsabilidade sem diálogo ou acompanhamento, podemos pensar que a construção de um sujeito de direitos é algo ainda distante ou menosprezado tanto historicamente, como na contemporaneidade.

“A adolescência evoca, por definição, um sujeito em processo de subjetivação, processo este que se dá em uma sociedade que também está em movimento.” Portanto, se analisarmos o contexto da adolescência a partir dessa afirmação, encontramos poucas evidências de autonomia ou valorização da participação adolescente tanto social como individual, ou seja, o púbere inserido na sociedade não aparece na história como protagonista das transformações sociais decorrentes, mesmo tendo um papel fundamental na história.

Phillipe Árie (*apud* COUTINHO, 2009), atribuiu o século XX, como primordial para a adolescência. Podemos perceber que essa questão tem como referência as mudanças ocorridas, como as revoluções tecnológicas e estruturantes, porém as questões relacionadas às adolescências e a vida precária com tal público permaneceram no século XXI. Podemos elencar várias questões nesse sentido, quando as demandas dos adolescentes não são ouvidas, principalmente no que diz respeito ao processo de construção subjetiva e a sua inserção na vida coletiva.

A relevância científica deste trabalho se faz a partir de um olhar cuidadoso sobre a perspectiva de repensar formatos e dinâmicas que possibilitem um adolescer saudável, a partir da compreensão da existência da adolescência e as particularidades que envolvem o indivíduo: “o conceito de adolescência não é unívoco e imutável desde as suas origens, de forma que estudar o sujeito adolescente hoje, é também estudar o mundo contemporâneo” (COUTINHO, 2009, p. 13).

As contribuições sugeridas por esse estudo caminham no sentido de fomentar diálogos em torno da adolescência para que a transição dessa fase da vida seja uma responsabilidade

compartilhada entre os entes sociais, ressaltando como elemento fundamental a escuta acolhedora e sem julgamento do adolescente que está entrando nessa etapa ou transitando para a fase adulta.

Então, com o propósito de estimular as discussões acerca desta temática, apresentamos este artigo tendo como objetivo propor questões reflexivas sobre a promoção de saúde com o recorte na adolescência, como modalidade o relato de experiência da atuação da equipe interprofissional na promoção de saúde e acolhimento no ambulatório do adolescente, uma parceria entre médicos de saúde de família e comunidade e profissionais de unidades básicas de saúde que atuam na Barra do Ceará/Fortaleza/Ce, Universidade Federal do Ceará, Projeto Aqui Tem Sinal de Vida e Rede Cuca Barra.

## **METODOLOGIA**

O processo metodológico seguiu a construção na modalidade relato de experiência que segundo Daltro e Faria (2019), o relato de experiência constitui-se de observação e análise de inúmeras possibilidades de narrativas, no qual resulta de um acontecimento onde o relator passou em um determinado período e trouxe consigo considerações de relevância para um determinado assunto.

Nesse sentido, associamos à revisão literária de autores que discorrem sobre a temática da adolescência ao relato de experiência, enriquecidas por observações sobre o trabalho interprofissional no ambulatório do adolescente, seguindo o fluxo desde a triagem, prontuários, sala de espera até a reunião com os profissionais para a discussão dos casos que surgem durante a atenção ao sujeito atendido.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na contemporaneidade, observamos a importância da atuação e alinhamento interprofissional como forma de tornar mais assertivos os acompanhamentos das demandas e o alcance dos resultados em segmentos diversos. No que diz respeito à promoção de saúde do adolescente, esse recorte social é um passo fundamental para que a atenção devida seja realizada e as necessidades postas e encaminhadas gerem retorno satisfatório para o indivíduo atendido.



**CONEXÃO UNIFAMETRO 2021**

**XVII SEMANA ACADÊMICA**

**ISSN: 2357-8645**

Seguindo recomendações da Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPAS / OMS), a equipe interprofissional consiste em um grupo de múltiplos profissionais de saúde de diferentes profissões, criado intencionalmente, que trabalham juntos, proporcionando melhor qualidade de atenção, por meio de relações de cooperação, coordenação, colaboração e responsabilidade compartilhada, para ofertar atenção centrada no paciente, na família e na comunidade. Sobre a atuação interprofissional consultamos o marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa (OMS,2010).

Pensar em uma abordagem específica para atender adolescentes com a participação de equipes interprofissionais se mostra imprescindível para compreender as particularidades do adolescente que busca serviços de saúde, além de conhecer os aspectos que perpassam sua vida e avaliar de forma conjunta a intervenção mais adequada que contribua para a construção de vida desse sujeito.

O ambulatório do adolescente nasceu em 2012, atendendo ao público da comunidade Morro Santiago, na Barra do Ceará, em Fortaleza/Ce, localizado na Regional I. A iniciativa dos médicos de saúde de família e comunidade se deu a partir do entendimento de focar na demanda da adolescência como essencial para proporcionar atenção para a formação saudável do ser adolescente.

Essa medida interprofissional possibilitou que o atendimento dos adolescentes fosse mais adequado e agregou entre outros profissionais, hebiatras, médicos residentes, psicólogos, assistente social, odontologista, fisioterapeuta, enfermeiras, auxiliar de enfermagem, educadores sociais, comunicadores, e, também adolescentes que atuam na promoção de saúde como educadores de pares.

Então, partindo dessa premissa, uma metodologia utilizada para o levantamento da demanda subjetiva do atendido é o prontuário, um instrumental construído, de forma coletiva, que reúne uma investigação biopsicossocial, tendo como exemplo, questões que fazem parte da vida do adolescente como, imunização, conhecimento sobre drogas lícitas e ilícitas, vida sexual, relações afetivas, projetos de vida, entre outras questões socioeconômicas e culturais que influenciam no entendimento e melhor auxílio na saúde do indivíduo.

Além disso, é importante destacar que o atendimento é acompanhado pela preceptora, médica com especialidade em hebiatria e professora da Universidade Federal do Ceará,



Tatiana Fiúza<sup>1</sup>, que além de coordenar as ações do grupo, também fomenta produções acadêmicas com a participação em seminários, congressos, entre outros eventos, com o intuito de estimular os estudos e o envolvimento de outros profissionais nas temáticas de promoção de saúde na adolescência.

Também identificamos nesse processo que as questões de saúde surgem interligadas a outras demandas, ou seja, na escuta é possível observar outros fatores que podem impactar a saúde do adolescente, como a situação de vulnerabilidade, violação de direitos e violências de diversas naturezas que prejudicam o desenvolvimento saudável do ser humano.

O formato de acompanhamento sistemático dessas atividades corrobora com a ideia de promoção de saúde, entendido a partir das análises de um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, coletivos e individuais, que se combinam de forma particular em cada sociedade e em conjunturas específicas, resultando em sociedades mais ou menos saudáveis (BUSS, 2010). Ou seja, a centralidade está na prevenção que possibilita também compreender que os cuidados com saúde devem ser mais amplos e nem sempre estão relacionados apenas pelo viés da medicação ou da procura quando há suspeita de alguma patologia. Levar em conta questões como direito de ir e vir, segurança alimentar e territorial, familiar, afetiva e de promoção de políticas públicas participativas também pode contribuir para qualidade de vida dos adolescentes.

A escuta qualificada é uma das características presentes no ambulatório do adolescente, por ser uma das formas de criar e fortalecer os vínculos com os atendidos. Nesse processo, identificamos também práticas de comunicação não violenta (CNV), elencadas por Marshall Rosenberg<sup>2</sup> (2003) como necessárias para as relações interpessoais.

O fluxo do atendimento do ambulatório segue da seguinte forma: triagem realizada pela enfermeira da Rede Cuca Barra, com pesagem, aferição de pressão arterial, medição e a aplicação das perguntas do prontuário.

---

<sup>1</sup>Tatiana Fiúza é Professora Dra. da Universidade Federal do Ceará. Médica Especialista em Hebiatria. É articuladora do Projeto Aqui Tem Sinal de Vida, que atua com famílias em situação de vulnerabilidade social, no Morro Santiago- Barra do Ceará.

<sup>2</sup>Marshall Rosenberg defende que a Comunicação Não Violenta é uma abordagem utilizada para aprimorar as relações interpessoais. Um dos componentes da CNV é a observação da demanda do outro, excluindo os julgamentos moralizadores.



**CONEXÃO UNIFAMETRO 2021**

**XVII SEMANA ACADÊMICA**

**ISSN: 2357-8645**

Logo após, é realizada uma metodologia educativa na sala de espera, entendida como uma estratégia da política de promoção de saúde que tem como principal intuito abordar assuntos diversos sobre direitos humanos e também pautar datas que mobilizam a sociedade com o viés de conscientização como as campanhas sobre o câncer de mama, prevenção ao suicídio, enfrentamento à violência contra a mulher, entre outros assuntos para que as pessoas possam conhecer melhor os mecanismos de proteção social e se envolver nos assuntos que dizem respeito à vida em sociedade.

A culminância nos dias de atendimento mostra como o olhar atento e a abordagem interprofissional é fundamental para fortalecer os ciclos de acompanhamento dos adolescentes. Uma vez que o médico/residente faz o atendimento e a partir da escuta encaminha para outra especialidade ou convida para a escuta outros profissionais como assistente social, nutricionista, psicóloga, fisioterapeuta ou a rede de proteção social, esse ato compartilhado resulta em uma rede de apoio essencial para o desenvolvimento do adolescente. Assim, o ambulatório vai se consolidando com as práticas de pensar de forma mais coletiva, propondo intervenções humanizadas e possibilitando uma transição saudável para a vida adulta do ser adolescente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acolher para compreender e melhor auxiliar as demandas dos adolescentes, propondo intervenções interprofissionais oferece uma possibilidade para contribuir com as reflexões sobre a vida dos adolescentes na contemporaneidade. Muitas vezes a demora na busca por atendimento amplia o abismo entre o jovem e a promoção de saúde, uma vez que uma resposta negativa pode gerar frustração, desistência e afastamento. Portanto, promover um ambiente acolhedor, ouvir e encaminhar as demandas contribui para o desenvolvimento humano.

A análise sobre a experiência do ambulatório do adolescente não se encerra com este relato. A pretensão é aprofundar sobre essa e outras práticas de atuação de promoção de saúde específicas para a adolescência e como essas abordagens pensam e elaboram de forma intersetorial, inclusiva e participativa sobre esse fenômeno adolescente que faz parte da construção e intervém nessa sociedade que se movimenta.



CONEXÃO UNIFAMETRO 2021

XVII SEMANA ACADÊMICA

ISSN: 2357-8645

## REFERÊNCIAS

BUSS, Paulo M. **O conceito de promoção de saúde e os determinantes sociais.** In: Agência Fiocruz de notícias. Saúde e Ciência para todos. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/o-conceito-de-promo%C3%A7%C3%A3o-da-sa%C3%BAde-e-os-determinantes-sociais>>. Acesso em: 1 out. 2021.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância:** destino do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau FAPERJ, 2009.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2021.

DEL PIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

OMS-Organização Mundial da Saúde. **Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa,** 2010. Disponível em: [https://www.educacioninterprofesional.org/sites/default/files/fulltext/2018/pub\\_oms\\_marco\\_acao\\_eip.pdf](https://www.educacioninterprofesional.org/sites/default/files/fulltext/2018/pub_oms_marco_acao_eip.pdf). Acesso em 26 out. 2021.

ROSEMBERG, Marshall B. **Comunicação Não- Violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais; Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.